



Em Bari o Papa denunciou a trágica condição das comunidades cristãs no Médio Oriente

Um peso na consciência das nações

Na área médio-oriental «há anos um número terrível de pequeninos chora mortes violentas em família e vê ameaçada a sua terra natal, restando-lhes muitas vezes como única perspectiva ter de fugir. Esta é a morte da esperança. Que a humanidade escute – peço-vos – o clamor das crianças», porque só «enxugando as suas lágrimas o mundo reencontrará

a dignidade»: eis o urgente apelo lançado pelo Papa Francisco em Bari, no adro da basílica de São Nicolau, na manhã de 7 de julho, no encerramento do dia de oração e reflexão a favor da paz no Médio Oriente, vivido com os patriarcas dessa região. Várias vezes interrompido pelo aplauso das setenta mil pessoas presentes, o Pontífice suplicou: «Não esqueçamos as crianças!» porque «os olhos de demasiadas crianças passaram a maior parte da vida a ver escombros». E o seu pensamento dirigiu-se em especial à província síria de Deraa. De resto, denunciou, o flagelo da guerra provoca vítimas sobretudo entre «a gente humilde». Portanto, «não são as tréguas garantidas por muros e provas de força que trarão a paz, mas a vontade real de escuta e diálogo»; aliás, dado que «a guerra é filha da pobreza» ela «é vencida» antes de tudo «erradicando a miséria». Mas «é essencial que os detentores do poder se ponham, final e decididamente, ao serviço autêntico da paz e não dos próprios interesses». Por isso, o Papa repetiu várias vezes «basta»: «Basta com os lucros de poucos à custa da pele de muitos! Basta com



as ocupações de terras que dilaceram os povos! Basta com fazer prevalecer verdades de parte sobre as esperanças da gente! Basta com usar o Médio Oriente para lucros alheios ao Médio Oriente!».

que a violência «é sempre alimentada pelas armas. Não se pode levantar a voz para falar de paz, enquanto às escondidas se perseguem desenfreadas corridas ao rearmamento. É uma gravíssima responsabilidade, que pesa na consciência das nações, em particular das mais poderosas».

Precedentemente, à beira-mar, o Papa tinha guiado a oração ecuménica desejada para «dar voz a quem não tem voz, a quem pode apenas engolir lágrimas, porque hoje o Médio Oriente chora, hoje sofre e emudece, enquanto outros o espezinham à procura de poder e riquezas».

Além disso, com a consciência de que «muitos conflitos foram fomentados também por formas de fundamentalismo e fanatismo que, disfarçados sob pretextos religiosos, na realidade blasfemaram do nome de Deus», o Pontífice salientou

PÁGINAS 6 E 7

As raízes das nossas almas

GIOVANNI MARIA VIAN

Talvez nunca se tenha elevado com tanta força a voz do Pontífice para implorar a paz no Próximo e Médio Oriente e denunciar a dramática situação das minorias cristãs que correm o risco de serem eliminadas. E talvez nunca tenham sido tão numerosos e influentes os representantes das outras Igrejas que se uniram ao Papa de Roma durante o encontro ecuménico com sabor quase sinodal realizado numa cidade, porta do Oriente, como Bari, onde estão conservadas as relíquias do santo bispo Nicolau, desde há muitos séculos querido às diversas confissões cristãs, sob a proteção da *Odigitria*, a Mãe de Deus “que mostra o caminho”, isto é, Cristo.

Desde os primeiros séculos a importância da região, «encruzilhada de civilizações e berço das grandes religiões monoteístas», é fundamental para a tradição cristã, e Francisco repetiu isto no início da prece ecuménica. «Ali veio visitar-nos o Senhor, “sol que nasce do alto”. Dali se propagou no mundo inteiro a luz da fé. Ali brotaram as frescas nascentes da espiritualidade e do monaquismo. Ali se conservam ritos antigos únicos e riquezas inestimáveis da arte sacra e da teologia, ali habita a herança de grandes Pais na fé», frisou. Portanto, um tesouro que deve ser conservado «com todas as nossas forças, porque no Médio Oriente estão as raízes das nossas próprias almas».

Mas sobre estas terras atormentadas desceu um denso manto de «trevas: guerra, violência e destruição, ocupações e formas de fundamentalismo, migrações forçadas e abandono, e tudo isto no silêncio de muitos e com a complicitade de tantos» constatou com amargura Bergoglio. O Médio Oriente tornou-se assim «terra de gente que abandona a própria pátria. É corre-se o risco de



O Deus de toda a consolação que cura os corações atribulados e faixa as feridas, escute a nossa oração: haja paz no Oriente Médio!

(@Pontifex_pt)

Apelo do Pontífice no terceiro aniversário da *Laudato si'*

O clamor angustiado da terra



Aldeia destruída pela elevação das águas no atol de Quiribati

No terceiro aniversário da publicação da encíclica *Laudato si'* – dedicado ao tema das mudanças climáticas e das consequências da exploração insensata do planeta terra, nossa casa comum – o Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral organizou uma conferência internacional no Vaticano, cujos participantes foram recebidos pelo Papa na Sala Clementina. No discurso, o Pontífice renovou o convite a «ouvir com o coração» o brado cada vez mais angustiado da terra e dos seus pobres em busca de ajuda» e a «testemunhar a grande urgência de acolher o apelo a uma conversão ecológica».

Em particular, o Santo Padre dirigindo-se aos participantes na con-

ferência frisou que «todos os governos deveriam esforçar-se por honrar os compromissos assumidos em Paris» em 2015 «para evitar as piores consequências da crise climática», porque no «empenho inadiável a agir concretamente para salvar a Terra e a vida sobre ela», já não podemos «perder tempo».

PÁGINA 3

*Missa para os migrantes***Solidariedade única resposta**

PÁGINA 12

PIETRO PAROLIN

Desde a sua publicação em maio de 2015, a encíclica *Laudato si'* foi bem recebida como forte contributo para compreender melhor e enfrentar de maneira eficaz uma série de questões atuais, até difíceis, que estão a desafiar a humanidade, com base na abordagem mais ampla e profunda da ecologia integral.

Precisamente do contexto da interrelacionalidade, segundo o qual «tudo está relacionado», o Santo Padre recorda-nos que a humanidade é guarda e não dona da criação. Com efeito, como frisa em diversas ocasiões, a rutura na relação do homem com Deus, com o próximo e com a criação deriva, na raiz, de um antropocentrismo desviado.

Para frisar a ampla receção da encíclica, vale a pena recordar que foi particularmente apreciada pela comunidade científica e que impressionou muito também os seguidores de outras confissões. No início da *Laudato si'* o Papa Francisco evidencia: «Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum» (n. 3), convidando «a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta» (*ibid.*, 14). O debate que alimentou na comunidade científica e entre diversos grupos religiosos talvez seja um claro sinal de disponibilidade a trabalhar pela sua concretização.

As crianças de Nomadélfia e a jovem exploradora

As crianças de Nomadélfia e a exploradora australiana que, com 16 anos já percorreu a pé o Ártico e a Antártica, inseriram-se entre os protagonistas do primeiro dia da Conferência organizada no Vaticano a 5 e 6 de julho no terceiro aniversário da encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco. Convidados pelo Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral, políticos e estudiosos – cientistas, economistas, filósofos e teólogos – de todo o mundo, mas também representantes das culturas indígenas, confrontaram-se na sala nova do Sinodo sobre o tema «salvar a nossa casa comum e o futuro da terra». Quem inaugurou os trabalhos, na manhã do dia 5, foram os estudantes das escolas básicas e secundárias da cidadela da região da Marema, fundada pelo padre Zeno Saltini, repondo a mensagem dos nomadelfos «mudança de



Emmanuel Cattier, «São Francisco»
(pormenor do vitral da igreja
de Santa Maria Maddalena em Taïz)

Conferência sobre a «Laudato si'»

Guardiões não donos da criação

Nestas breves observações de abertura gostaria de frisar três aspetos que caracterizam de modo particular a *Laudato si'*.

Antes de mais, no contexto dos atuais e sempre correntes desafios ambientais da nossa época, há uma clara urgência no convite do Papa Francisco a cuidar da nossa casa comum. Todos sabemos quanto é precária hoje a situação do nosso planeta. Com efeito, a encíclica é uma resposta concreta e um dos desafios mais urgentes que a humanidade atualmente deve enfrentar, ou seja, o possível desabamento da casa que

sustenta a nós e a todas as formas de vida.

Em segundo lugar, a *Laudato si'* é importante pela sua mensagem de uma ecologia integral. Na *Caritas in veritate* o Papa Bento XVI observou que «o livro da natureza é uno e indivisível» (n. 51). A ecologia humana e a ecologia natural caminham de mãos dadas e são solicitações inseparáveis da família humana. O Papa Francisco vê em São Francisco «o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade [...]. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior» (*Laudato si'*, 10). Segundo o Papa Francisco, tudo está interligado; a ponto que o «clamor da terra» está intimamente relacionado com o «clamor dos pobres» (*ibid.*, 49). Por conseguinte, como membros da família comum, todos nos devemos unir para nos comprometemos na salvaguarda da nossa casa comum. Como escreve o Papa Francisco, «todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades» (*ibid.*, 14).

Em terceiro lugar, a *Laudato si'* acrescenta ao discurso ecológico uma dimensão profunda, uma atenção que com frequência falta nos debates sobre o meio ambiente. O Papa Francisco propõe nela uma visão profundamente espiritual do mundo natural, falando do «evangelho» da criação, que é também o título do segundo capítulo da encíclica. Ele frisa que «as convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis» (*ibid.*, 64). Também este é um aspeto da mensagem de ecologia integral do

Papa; e está intimamente relacionada com a visão antropológica relacional da *Laudato si'*. Como escreve o Pontífice: «A existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra» (*ibid.*, 66). A nossa relação com Deus e com o próximo inclui necessariamente a nossa relação com a mãe Terra. Esta relação pode e deve ser harmoniosa; contudo, como observou o Papa Francisco no início da sua carta encíclica: «A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos» (*ibid.*, 2). Como consequência desta violência que está nos nossos corações, a própria terra está oprimida e devastada, a vida do homem é ofendida numa cultura dominante do descarte, e a criação inteira está por um fio à beira da catástrofe. Por conseguinte, é urgente que mudemos o nosso sentido do progresso humano, a gestão da nossa economia e o nosso estilo de vida.

A doutrina católica da criação não considera o mundo um acidente. O nosso planeta, de facto o universo inteiro, é uma ação intencional de Deus que é oferecida como dom aos seres humanos. A criação é o primeiro passo na grande vocação do homem: criação, encarnação, redenção.

A humanidade não é pensada num segundo momento. Deus não tinha dois programas: primeiro o mundo, e depois a humanidade. O homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus, são parte intrínseca do universo e a sua vocação é «arar e preservar» tudo. Mas aradura e preservação não deviam incluir domínio nem devastação. Um tal comportamento escarnece a dignidade e o respeito devido aos dons de Deus.

Nesta luz, deveria ser simples para nós compreender as preocupações do Papa Francisco em relação aos pobres e à natureza. Ele não oferece conselhos terrenos sobre a maneira de ser prudentes e práticos, mesmo se a sua mensagem tem imensas consequências concretas. Aliás, ele recorda-nos: a consequência fundamental da criação, que estabelece um triplice nível de relações para a pessoa humana: com Deus Criador, com as outras pessoas humanas num vínculo de fraternidade e com o mundo como casa-jardim da nossa existência; as exigências fundamentais da nossa vocação para participar na obra de Deus como cocriadores; e, portanto, a nossa responsabilidade pela obra de Deus, que não esconde o seu rosto em nenhum aspeto da criação, pobre ou rico, natural ou humano, agora ou no futuro.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretorGiuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidas: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilsol24.ore.com

Apelo do Pontífice no terceiro aniversário da encíclica sobre o cuidado da casa comum

O clamor angustiado da terra

«Todos os governos deveriam esforçar-se por honrar os compromissos assumidos em Paris» em 2015 «para evitar as piores consequências da crise climática», porque no «empenho inadiável para agir concretamente a fim de salvar a Terra e a vida sobre ela», já não podemos «perder tempo». Foi este o apelo dirigido pelo Pontífice — na audiência que teve lugar na manhã de 6 de julho na sala Clementina — aos participantes na conferência convocada no Vaticano, por ocasião do terceiro aniversário da *Laudato si'*. De maneira particular, o Santo Padre exortou a «reservar um espaço de relevo a dois grupos de pessoas que estão em primeira linha no desafio ecológico integral e que estarão no centro dos dois próximos Sinodos da Igreja católica: os jovens e os povos indígenas, sobretudo os da Amazônia».

Senhores Cardeais
Eminência
Diletos irmãos e irmãs
Ilustres Senhores e Senhoras!

Dou as minhas boas-vindas a todos vós, por ocasião da Conferência Internacional convocada no terceiro aniversário da publicação da Carta Encíclica *Laudato si'* sobre o cuidado da casa comum. Gostaria de saudar de maneira especial Sua Eminência, o Arcebispo Zizioulas, porque foi ele com o Cardeal Turkson que, juntos, apresentaram a Encíclica há três anos. Obrigado por vos terdes reunido para «escutar com o coração» o clamor cada vez mais angustiado da terra e dos seus pobres em busca de ajuda e responsabilidades, e para dar testemunho da grande urgência de acolher o apelo da Encíclica a uma mudança, a uma conversão ecológica. O vosso é um testemunho a favor do compromisso inadiável a agir concretamente para salvar a Terra e a vida sobre ela, a começar pelo pressuposto que «tudo está ligado», conceito-guia da Encíclica, na base da ecologia integral.

Também nesta perspectiva podemos ler a chamada que Francisco de Assis recebeu do Senhor na igreja de São Damiano: «Vai e repara a minha casa que, como vês, está em ruínas». Hoje, inclusive a «casa comum», que é o nosso planeta, tem urgente necessidade de ser reparado e garantido para um futuro sustentável.

Nas últimas décadas, a comunidade científica elaborou neste sentido avaliações cada vez mais exatas. «O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual — por ser insustentável — só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões» (Enc. *Laudato si'*, 161). Existe o perigo real de deixar às gerações vindouras escombros, desertos e imundície.

Portanto, faço votos a fim de que esta preocupação pela condição da nossa casa comum se traduza numa ação orgânica e concertada de ecologia integral. Com efeito, «a atenuação dos efeitos do desequilíbrio atual depende do que fizermos agora» (*ibidem*). A humanidade dispõe dos conhecimentos e dos meios para colaborar em vista desta finalidade e, com responsabilidade, «cultivar e conservar» a Terra de maneira responsável. A este propósito, é significativo que o vosso debate se refira também a alguns acontecimentos-chave do corrente ano.

A Cimeira COP24 sobre o clima, programada para Katowice (Polónia) em dezembro próximo, pode ser um marco miliário no caminho traçado pelo Acordo de Paris de 2015. Todos sabemos que há muito a fazer para a atuação daquele Acordo. Todos os governos deveriam esforçar-se para honrar os compromissos assumidos em Paris, a fim de evitar as piores consequências da crise climática. «A redução de gases com efeito de estufa requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluidores» (*ibid.*, n. 169). Não podemos permitir-nos perder tempo neste processo.



Para além dos Estados, são intercalados outros protagonistas: autoridades locais, grupos da sociedade civil, instituições económicas e religiosas podem favorecer a cultura e a praxe ecológica integral. Faço votos para que eventos como, por exemplo, o Summit sobre a ação global para o clima, programado de 12 a 14 de setembro em São Francisco, ofereçam respostas adequadas, com o apoio de grupos de pressão de cidadãos em todas as partes do mundo. Como afirmamos juntamente com Sua Santidade o Patriarca Ecuménico Bartolomeu, «não poderá haver uma solução genuína e duradoura para o desafio da crise ecológica e das mudanças climáticas, sem uma resposta concertada e coletiva, sem uma responsabilidade partilhada e capaz de prestar contas do seu

agir, sem dar prioridade à solidariedade e ao serviço» (*Mensagem Conjunta para o Dia Mundial de Oração pela Criação*, 1 de setembro de 2017).

Também as instituições financeiras têm um papel importante a desempenhar, quer como parte do problema quer como da sua solução. É necessária uma mudança do paradigma financeiro, para promover o desenvolvimento humano integral. As organizações internacionais, como por exemplo o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, podem favorecer reformas eficazes para um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável. A esperança é de que «as finanças [...] voltem a ser um instrumento que tenha em vista a melhor produção de riqueza e o desenvolvimento» (Bento XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 65), assim como o cuidado do meio ambiente.

Todas estas ações pressupõem uma transformação a um nível mais profundo, ou seja, uma mudança dos corações, uma mudança das consciências. Como pôde dizer São João Paulo II: «É preciso [...] encorajar e promover a conversão ecológica» (*Catequese*, 17 de janeiro de

crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos» (*Laudato si'*, 13). São os jovens que deverão enfrentar as consequências da atual crise ambiental e climática. Portanto, a solidariedade intergeracional não é «uma atitude opcional, mas uma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir» (*ibid.*, n. 159).

Por outro lado, «é indispensável prestar atenção especial às comunidades aborígenes, com as suas tradições culturais» (*ibid.*, n. 146). É triste ver as terras dos povos indígenas expropriadas e as suas culturas espezinhadas por uma atitude predatória, por novas formas de colonialismo, alimentadas pela cultura do desperdício e pelo consumismo (cf. SÍNODO DOS BISPOS, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, 8 de junho de 2018). «Com efeito, para eles, a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores» (*Laudato si'*, 146). Quanto podemos aprender deles! A vida dos povos indígenas é «memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum» (*Discurso no encontro com os povos indígenas*, Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018).

Caros irmãos e irmãs, os desafios são abundantes! Expresso a minha sentida gratidão pelo vosso trabalho ao serviço do cuidado da criação, e de um porvir melhor para os nossos filhos e netos. Às vezes poderia parecer um empreendimento muito árduo, porque «há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse económico chega a prevalecer sobre o bem comum e a manipular a informação para não ver afetados os seus projetos» (*Laudato si'*, 54); mas «os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se» (*ibid.*, n. 205). Por favor, continuai a trabalhar em vista da «mudança radical exigida pelas circunstâncias atuais» (*ibid.*, n. 171). «A injustiça não é invencível» (*ibid.*, n. 74).

São Francisco de Assis continue a inspirar-nos e a guiar-nos neste caminho, e «as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança» (*ibid.*, n. 244). No fundo, o alicerce da nossa esperança repousa na fé no poder do nosso Pai celestial. Ele, «que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida, que tanto nos ama. Ele não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!» (*ibid.*, n. 245).

Abençoo-vos. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

2001). E nisto as religiões, em particular as Igrejas cristãs, têm um papel-chave a desempenhar. O Dia de Oração pela Criação e as iniciativas com ele ligadas, promovidas no âmbito da Igreja ortodoxa, vão-se propagando nas comunidades cristãs em todas as partes do mundo.

Finalmente, o confronto e o compromisso a favor da nossa casa comum deve reservar um espaço de relevo a dois grupos de pessoas que estão na primeira linha no desafio ecológico integral e que estarão no centro dos dois próximos Sinodos da Igreja católica: os jovens e os povos indígenas, de maneira particular os da Amazônia.

Por um lado, «os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na



Giovanni Morotta «A pecadora»
(pormenor, 2011)

Gestos e lágrimas das mulheres

Uma releitura do evangelho de Lucas

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

As mulheres do Evangelho expressam-se de preferência com gestos. A sua fé procura o conforto do tocar (sensível, emotivo, desarmado), não a abstração. Comprometem-se mais na dedicação ao serviço escondido do que na preocupação de desafiar a liderança ou de estar sempre um passo à frente. É curiosa a fórmula que Lucas emprega no sumário do capítulo 8 (vv. 1-3): «Depois, Jesus andava pelas cidades e aldeias anunciando a boa nova do Reino de Deus. Os Doze estavam com Ele, assim como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios, Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Susana e muitas outras, que o serviam com as suas posses».

Exatamente como os Doze, as mulheres «estavam com» Jesus. Faziam do destino dele também o próprio. Mas o texto acrescenta algo que diz respeito unicamente a elas: «Serviam». Na gramática de Jesus não existe verbo mais nobre nem mais religioso do que este. A lição de Jesus que as mulheres ouvem é central e incansável. Não é coisa de pouca monta! Com efeito, da sua boca não ouviremos sair grandes perguntas nem comentários. Por um lado, porque no contexto cultural do século I não era previsto que se prestasse atenção ao que as mulheres pensavam. Mas, por outro, porque as mulheres representam uma posição profundamente evangélica.

Não vemos nenhuma delas perguntar a Jesus: «Senhor, são poucos os que se salvam?» (Lc 13, 23); ou, numa perspectiva mais individual: «Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?» (Lc 10, 25). Nenhuma delas o interroga acerca da sua autoridade, nem se põe a discutir sobre a legalidade dos gestos de misericórdia que Ele realiza. As mulheres são alheias à série de perguntas que o tentam enredar, como: «Não é este o filho de José?» (4, 22); «Que significa isto?» (4, 36); «Por que comeis e bebeis com publicanos e pessoas de má fama?» (5, 30); «Por que fazeis o que não é

permitido no sábado?» (6, 2). Nenhuma se indigna com Ele, fazendo comentários como: «Quem é este homem que profere blasfémias? Quem pode perdoar pecados, a não ser unicamente Deus?» (5, 21). Pelo contrário.

Aliás, uma única vez Lucas narra que do meio da multidão saiu um grito irresistível e esclarecedor de uma mulher anónima: «Bendito o ventre que te carregou e o seio que te amamentou!» (Lc 11, 27). Habitualmente, nas praças a voz das mulheres não se faz ouvir, ou então é ouvida tremulante, como a da hemorroíssa, segundo o narrador lucano: «A mulher viu-se descoberta e, a tremer, prostrou-se aos seus pés, declarando diante de todo o povo o motivo pelo qual o tinha tocado, e como de repente ficara curada» (8, 47).

Mas aquele grito, pouco antes, de uma voz anónima no meio da multidão, talvez só uma mulher o pudesse emitir, porque fala de gestação e crescimento, daquela bem-aventurança não especificamente teológica, mas universal, que é o cuidar amoroso da realidade da vida, o debruçar-se sobre ela, alimentá-la, ajudando uma existência a consolidar-se.

Claramente, existe uma diferente forma de comunicação, e são as mulheres que a interpretam. «Bendito o ventre que te carregou e o seio que te amamentou!». Com as mulheres há um fluxo de realidade que intervéem para modelar a fé, a qual deste modo não permanece prisioneira — como ao contrário acontece com frequência à dos homens — do racionalismo, da doutrina vivida mecanicamente, do rito. Nas mulheres existe uma densidade existencial, um sabor da vida quotidiana, que ajuda a perfumar a fé. Frequentemente, o espaço é doméstico. A ocasião é uma refeição. O âmbito é o dos relacionamentos. O exercício é o do cuidado. E há uma sensibilidade que abrange a totalidade da vida, até quando ela é minúscula e dolorosa.

Curiosamente, um dos elementos que une as personagens femininas em Lucas são as lágrimas. A viúva de Naim, a pecadora, as mulheres de Jerusalém... todas choram. E, provavelmente, à sua maneira, também a mulher curada, a mulher que pro-

cura a moeda ou a hemorroíssa. As lágrimas são um transbordar que exprime o excesso de algo. Emoções, conflitos, alegrias, solidão, feridas. Somos muitas vezes arrebatados pelas nossas próprias lágrimas. As vezes choramos até sem querer.

Mas as lágrimas dizem que Deus se encarna nas nossas vidas, nas nossas falências, nos nossos encontros. Nos Evangelhos, até Cristo chora.

Jesus assume a nossa condição, fazendo-se um de nós, e por isso as nossas lágrimas são englobadas nas suas. Ele leva-as consigo verdadeiramente. Quando chora, reúne e assume solidariamente todas as lágrimas do mundo. Ainda sabemos pouco, talvez, sobre este misterioso país que são as nossas lágrimas. Embora seja um acontecimento não verbal, nem por isso as lágrimas deixam de ser uma linguagem, um grito forte e contudo silencioso, uma espécie de sede que deste modo é declarada, exposta.

As mulheres dos Evangelhos concedem direito de cidadania às lágrimas, mostrando como é grande a importância deste sinal. Elas explicam-nos o sacramento da sede. Certa vez pediram a Julia Kristeva, não-crente, um comentário sobre as bem-aventuradas de Jesus: «Bem-aventurados vós, que agora chorais» (Lc 6, 21). Ela respondeu que, como psicanalista, a entende muito bem. Quando um paciente fortemente deprimido chega a chorar no divã, acontece algo muito importante: começa a afastar-se da tentação de suicídio. As lágrimas não narram o desejo de morrer, mas a nossa sede de vida. Nas lágrimas que neste momento caem de muitos olhos, procuremos ver a sede da nossa época, o gemido, que sobe aos céus, deste imenso fluxo humano em que também nós estamos.

As lágrimas são a área visível, transparente e viva do nosso desejo.

Elas fluem de dentro para fora do nosso corpo, mas exprimem a mais recôndita e intensa interioridade. Nos seres humanos, o pranto é sempre uma forma de relacionamento. É assim desde a infância. O choro de um bebé não demonstra apenas a sua carência concreta de atenção e a necessidade de que ela seja atendida, mas é a manifestação de um desejo mais profundo e igualmente vital: a sede de relacionamento. Chorando, procura um interlocutor que corresponda à mais verdadeira das mensagens, a do seu corpo, não da sua língua.

É interessante que muitos santos — entre os quais Inácio de Loyola — chorassem copiosamente. Nos Evangelhos temos as lágrimas de Pedro. O filósofo Emil Cioran dizia que o maior dom da religião só pode ser este: ensinar-nos a chorar. As lágrimas dão um sentido de eternidade ao nosso devir. Guiam-nos de uma condição de órfãos até ao êxtase. Cioran recorda, por exemplo, que quando no fim da vida São Francisco de Assis ficou quase cego, os médicos atribuíram o seu mal a uma única causa: o excesso de lágrimas. E dizia que «no juízo final serão

Elogio da sede

Publicamos uma sinopse do livro *Elogio da sede* (Lisboa, Quetzal, 2018, 176 páginas), de José Tolentino Mendonça, sacerdote, poeta e escritor português, vice-reitor da universidade católica de Lisboa, consultor do Pontifício conselho para a cultura e agora arcebispo arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana. As suas poesias e os seus ensaios, muito apreciados pelo público e pela crítica, valeram-lhe reconhecimentos e traduções em muitas línguas. Na Itália foram publicados por Vita e Pensiero, *A mística do instante. Tempo e promessa* (2015) e *Chiamate in attesa* (2016). «Ao longo dos anos — escreve o autor na introdução — recolhi bastante material sobre a sede», mas «não tinha uma ideia concreta do modo como o empregar. Nem sequer em que ocasião. Até ao dia em que o meu telefone tocou, em Lisboa, e do outro lado da linha me falava o Papa Francisco» e «me convidava para guiar os exercícios espirituais, para ele e para a Cúria».

consideradas unicamente as lágrimas».

Pensemos nas nossas lágrimas. Nas primeiras que derramamos na nossa infância e nas últimas, nas mais recentes. A nossa biografia pode ser narrada também através das lágrimas: de alegria, de festa, de emoção luminosa; e de noite escura, de laceração, de abandono, de arrependimento e de contrição. Pensemos nas nossas lágrimas derramadas, e naquelas que permaneceram um nó na garganta, e cuja falta depois nos pesou, ou ainda nos pesa.

A dor daquelas lágrimas que não

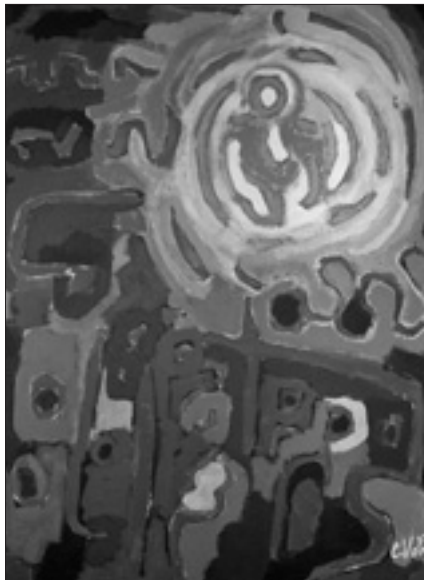
No Angelus o Papa recordou o dia ecumênico vivido em Bari

Cristãos unidos pela paz no Médio Oriente

«Um sinal eloquente de unidade dos cristãos»: assim o Papa recordou no Angelus de 8 de julho o encontro de oração e reflexão pela paz no Médio Oriente presidido no dia anterior em Bari. Precedentemente, comentando o evangelho dominical (Mc 6, 1-6) para os fiéis presentes na praça de São Pedro, o Pontífice recordou Santa Teresa de Calcutá para exaltar que a «pequenez de uma mulher revolucionou as obras de caridade na Igreja».

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A hodierna página evangélica (cf. Mc 6, 1-6) apresenta Jesus que regressa a Nazaré e, no dia de sábado, começa a ensinar na sinagoga. Desde que se tinha ido embora para começar a pregar nos povoados e aldeias circunvizinhas, nunca voltara à sua pátria. Voltou. Portanto, toda a cidade terá



Corinne Yonaesch, «Palavra de luz»

ido ouvir este filho do povo, cuja fama de mestre sábio e de poderoso curador já se alastrava pela Galileia e além. Mas aquilo que se poderia apresentar como um sucesso, transformou-se numa clamorosa recusa, a ponto que Jesus não pôde realizar ali prodígio algum, mas apenas poucas curas (cf. v. 5). A dinâmica daquele dia foi reconstruída detalhadamente pelo evangelista Marcos; o povo de Nazaré inicialmente ouve, e fica admirado; depois questiona-se perplexo: «de onde lhe vêm estas coisas», esta sabedoria?; e no final escandaliza-se, ao reconhecer n'Ele o carpinteiro, o filho de Maria, que eles viram nascer (vv. 2-3). Por isso Jesus conclui com a expressão que se tornou proverbial: «um profeta só é desprezado na sua pátria» (v. 4).

Perguntemo-nos: por que passam os concidadãos de Jesus da admiração à incredulidade? Eles fazem um confronto entre a origem humilde de Jesus e as suas capacidades atuais: é um carpinteiro, não estudou, contudo prega melhor que os escribas e faz milagres. Mas em vez de se abrirem à realidade, escandalizam-se. Segundo os habitantes de Nazaré, Deus é demasiado grande para se abaixar e falar através de um homem tão simples! É o escândalo da encarnação: o evento desconcertante de um Deus que se fez carne, que pensa com mente de homem, trabalha e age com mãos de homem, ama com coração de homem, um Deus que trabalha, come e dorme como um de nós. O Filho de Deus inverte qualquer esquema humano: não foram os discípulos que lavaram os pés ao Senhor, mas foi o Senhor que lavou os pés aos discípulos (cf. Jo 13, 1-20). É este o motivo de escândalo e de incredulidade não só naquela época, em todas as épocas, mas também hoje.

A inversão realizada por Jesus engaja os seus discípulos de ontem e de hoje numa verificação pessoal e comunitária. Com efeito, também nos nossos dias pode acontecer que se alimentem preconceitos que impedem que se compreenda a realidade. Mas o Senhor convida-nos a assumir uma atitude de escuta humilde e de expectativa dócil, porque a graça de Deus se apresenta, com frequência, de maneiras surpreendentes, que não correspondem às nossas expectativas. Pensemos juntos na Madre Teresa de Calcutá, por exemplo. Uma religiosa pequenina – ninguém dava dez tostões por ela – que ia pelas ruas recuperar os



moribundos para que tivessem uma morte digna. Esta pequenina religiosa fez maravilhas com as orações e com as suas obras! A pequenez de uma mulher revolucionou as obras de caridade na Igreja. É um exemplo dos nossos dias. Deus não se conforma com os preconceitos. Devemos esforçar-nos por abrir o coração e a mente, para acolher a realidade divina que vem ao nosso encontro. Trata-se de ter fé: a falta de fé é um obstáculo à graça de Deus. Muitos batizados vivem como se Cristo não existisse: repetem-se gestos e os sinais da fé, mas a eles não corresponde uma adesão real à pessoa de Jesus nem ao seu Evangelho. Cada cristão – todos nós, cada um de nós – é chamado a aprofundar esta pertença fundamental, procurando testemunhá-la com uma conduta de vida coerente, cujo fio condutor será sempre a caridade.

Peçamos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria, que desfaça a dureza dos corações e a limitação das mentes, para que sejamos abertos à sua graça, à sua verdade e à sua missão de bondade e misericórdia, que se destina a todos, sem excluir ninguém.

No final da prece mariana, depois de ter falado sobre o dia ecumênico em Bari, Francisco recordou o «Domingo do Mar», dedicado aos marítimos e aos pescadores, e saudou os vários grupos de peregrinos.

Queridos irmãos e irmãs!

Ontem, em Bari, com os Patriarcas das Igrejas do Médio Oriente e com os seus Representantes vivemos um especial dia de oração e reflexão pela paz naquela região. Dou graças a Deus por este encontro, que foi um sinal eloquente de unidade dos cristãos, e contou com a participação entusiasta do povo de Deus. Agradeço mais uma vez aos Irmãos Chefes de Igrejas e a quantos os apresentaram: senti-me deveras edificado pela sua atitude e pelos seus testemunhos. Agradeço ao Arcebispo de Bari, irmão humilde e servidor, aos colaboradores e a todos os fiéis que nos acompanharam e apoiaram com a oração e a presença jubilosa.

Celebra-se hoje o «Domingo do Mar», dedicado aos marinheiros e aos pescadores. Rezo por eles e pelas suas famílias, assim como pelos capelães e pelos voluntários do Apostolado do Mar. Dirijo uma recordação especial a quantos vivem situações de trabalho indigno no mar; assim como aos que se comprometem para libertar os mares da poluição.

Dirijo uma cordial saudação a todos vós, romanos e peregrinos! Saúdo os fiéis vindos da Polónia, com um pensamento especial aos participantes na grande peregrinação anual da família da Rádio Maria ao Santuário de Częstochowa. Saúdo os jovens ministrantes das Filipinas com os seus familiares; os jovens de Pádua, o grupo de estudantes e professores de Brécia e os escuteiros de Pont-Saint-Martin, Vale de Aosta. E vejo bandeiras brasileiras... Saúdo os brasileiros e coragem! Será para a próxima vez!

Desejo bom domingo a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

Uma releitura do evangelho de Lucas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

foram choradas. Deus conhece todas elas e acolhe-as como uma prece. Portanto, tenhamos confiança, não as escondamos dele. Para Gregório Nazianzeno, as lágrimas são um batismo. Na realidade, ele fala de cinco batismos: o primeiro, alegórico, realizou-se na travessia do mar Vermelho, guiada por Moisés (cf. 1 Cor 10, 2); o segundo é penitencial, representado por João Batista; o de Cristo é o terceiro, e verifica-se no Espírito Santo; o quarto batismo é o dos mártires, que se faz no sangue (também Cristo o conheceu); o quinto batismo é o das lágrimas, que nos é sempre acessível. Nem sequer aqueles que perderam a possibilidade de chorar com lágrimas, perderam totalmente a possibilidade de chorar. Além disso, Cioran dizia que as lá-

grimas são aquilo que nos pode tornar santos, depois de termos sido humanos.

Em Lucas 7, 36-50 vemos uma mulher que chora (e que ensina a chorar). Um fariseu convidou Jesus para almoçar, e ela tem o descaramento de comparecer precisamente ali. A sua presença não goza da mínima legitimidade formal. Ela chega como uma intrusa, e só vem porque sabe que Jesus se encontra à mesa do fariseu. Portanto, desde o início, a mulher é uma personagem que entra na órbita de Jesus. Vem para o seguir, como uma discípula anónima, discípula de Jesus *in pectore*, como o são muitos dos nossos contemporâneos.

Reconhece-o sem a ajuda de ninguém, colocando-se de modo visível atrás dele, convicta de que Ele a protegerá contra as mais que previsíveis hostili-

dades dos outros. É difícil permanecer indiferente diante da aparição desta personagem!

A mulher entra e sai em silêncio, mas o leitor sente quanto a sua passagem se carrega de uma verdade incontestável. Em vez das palavras, ela recorre a uma linguagem plástica, talvez mais incisiva do que a verbal. Friedrich Schlegel interroga-se: «Que significam as palavras? Uma lágrima supera todas elas em eloquência». Encontramo-nos exatamente nesta situação. Neste cenário improvável, que era a casa do fariseu, a mulher inominada apresenta a própria história. E fá-lo como pode: com o seu pranto prolongado, os cabelos que roçam pelo chão da casa do anfitrião, numa coreografia humilde e pungente, os beijos e o perfume que ninguém mais tivera a ideia de oferecer a Jesus.

Contra a indiferença homicida

Introdução do Pontífice à prece ecumênica

«Queremos dar voz a quem não tem voz, a quem pode apenas engolir lágrimas, porque hoje o Médio Oriente chora, hoje sofre e emudece, enquanto outros o espezinham à procura de poder e riquezas», frisou vigorosamente o Papa durante a administração com que introduziu a prece ecumênica em prol da paz com os patriarcas da Região médio-oriental, que teve lugar na manhã de 7 de julho, à beira-mar de Bari.

Amados Irmãos!

Chegamos como peregrinos a Bari, janela aberta para o Próximo Oriente, trazendo no coração as nossas Igrejas, os povos e as inúmeras pessoas que vivem em situações de grande sofrimento. Dizemos-lhes: «Estamos convosco». Amados Irmãos, muito obrigado por terdes vindo, generosa e prontamente, aqui. E sinto-me muito grato a todos vós que nos acolheis nesta cidade,

cidade do encontro, cidade da hospitalidade.

Sustenta-nos, no nosso caminho comum, a Santa Mãe de Deus, aqui que mostra o caminho. Aqui repousam as relíquias de São Nicolau, bispo do Oriente, cuja veneração sulca os mares e cruza as fronteiras entre as Igrejas. O Santo taumaturgo interceda pela cura das feridas que muitos trazem dentro de si. Aqui contemplamos o horizonte e o mar, e sentimo-nos impelidos a viver esta jornada com a mente e o coração voltados para o Médio Oriente, encruzilhada de civilizações e berço das grandes religiões monoteístas.

Lá nos veio visitar o Senhor, «como sol nascente» (Lc 1, 78). A partir de lá, propagou-se pelo mundo inteiro a luz da fé. Lá brotarão, frescas, as fontes da espiritualidade, e do monaquismo. Lá se conservam ritos antigos únicos de

riquezas inestimáveis da arte sacra e da teologia, lá habita a herança dos nossos grandes Pais na fé. Esta tradição é um tesouro que deve ser guardado com todas as nossas forças, porque no Médio Oriente estão as raízes das nossas próprias almas.

Mas sobre esta região esplêndida adensou-se, especialmente nos últimos anos, uma espessa cortina de trevas: guerra, violência e destruição, ocupações e formas de fundamentalismo, migrações forçadas e abandono... Tudo no silêncio de tantos e com a complicidade de muitos. O Médio Oriente tornou-se terra de gente que deixa a própria terra. E há o risco de ser cancelada a presença de nossos irmãos e irmãs na fé, deturpando a própria fisionomia da região, porque um Médio Oriente sem cristãos não seria Médio Oriente.

Esta jornada começa pela oração, para que a luz divina reafirme as trevas do mundo. Já acendemos diante de São Nicolau a «lâmpada unichama», símbolo da Igreja unida. Juntos, desejamos acender hoje uma chama de esperança. As lâmpadas que deporemos sejam sinal duma luz que ainda brilha na noite. De facto, os cristãos são luz do mundo (cf. Mt 5, 14), não apenas quando tudo em redor é radioso, mas também quando, nos momentos escuros da história, não se resignam com a escuridão, que tudo envolve, e alimentam o pavio da esperança com o azeite da oração e do amor. Porque, quando se estendem as mãos para o céu em oração e quando se estende a mão para o irmão sem buscar o próprio interesse, arde e resplandece o fogo do Espírito, Espírito de unidade, Espírito de paz.

Rezemos unidos, para implorar do Senhor do Céu aquela paz que os poderosos da terra ainda não conseguiram encontrar. Do curso do Nilo ao Vale do Jordão e mais além, passando pelo rio Orontes até ao Tigre e ao Eufrates, ressoe o grito do Salmo: «Para ti, haja paz!» (122, 8). Para os irmãos que sofrem e para os amigos de cada povo e credo, repetimos: *Para ti, haja paz!* Com o Salmista, implore-mo-la de modo particular para Jerusalém, cidade de santa amada por Deus e ferida pelos homens, sobre a qual ainda chora o Senhor: *Para ti, haja paz!*

Haja paz: é o grito de tantos Abeis, de hoje, que sobe ao trono de Deus. Pensando neles, já não podemos, tanto no Médio Oriente como em qualquer parte do mundo, permitir-nos dizer: «Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9). A indiferença mata, e nós queremos ser voz que contrasta o homicídio da indiferença. Queremos dar voz a quem não tem voz, a quem pode apenas engolir lágrimas, porque hoje o Médio Oriente chora, hoje sofre e emudece, enquanto outros o espezinham à procura de poder e riquezas. Para os pequenos, os simples, os feridos... para eles que têm Deus da sua parte, nós imploramos: *haja paz!* O «Deus de toda a consolação» (2 Cor 1, 3), que cura os corações atribulados e faixas as feridas (cf. Sl 147, 3), escute hoje a nossa oração.



De Bari o apelo do Papa a favor da paz no Médio Oriente

Ouvir o brado das crianças

Na área médio-oriental «há anos um número terrível de pequeninos chora mortes violentas em família e vê ameaçada a sua terra natal, restando-lhes muitas vezes como única perspectiva ter de fugir. Esta é a morte da esperança... Que a humanidade escute — peço-vos — o clamor das crianças», porque só «convencendo as suas lágrimas o mundo reencontrará a dignidade»: eis o urgente apelo lançado pelo Papa Francisco em Bari, no ato da basílica de São Nicolau, na manhã de 7 de julho, no encerramento do dia de oração e reflexão a favor da paz no Médio Oriente, vivido com os patriarcas da região.

Amados irmãos e irmãs!

Sinto-me muito grato pela partilha que tivemos a graça de viver. Ajudamo-nos a redescobrir a nossa presença de cristãos no Médio Oriente, como irmãos. Esta presença será tanto mais profética quanto mais testemunhar Jesus, Príncipe da paz (cf. Is 9, 5). Ele não empunha a espada; antes, pede aos seus que a reponham na bainha (cf. Jo 18, 11). Também o nosso ser Igreja é tentado pelas lógicas do mundo, lógicas de poder e lucro, lógicas apressadas e de conveniência. E temos o nosso pecado, a incoerência entre a fé e a vida, que obscurece o testemunho. Mais uma vez sentimos que temos de nos converter ao Evangelho, garantia de liberdade autêntica, e de o fazer urgentemente agora, na noite do Médio Oriente em agonia. Como na noite angustiante do Getsémani, não serão a fuga (cf. Mt 26, 56) nem a espada (cf. Mt 26, 52) que anteciparão a aurora radiosa de Páscoa, mas o dom de si mesmo à imitação do Senhor.

A boa nova de Jesus, crucificado e ressuscitado por amor, chegada das terras do Médio Oriente, conquistou o coração do homem ao longo dos séculos, porque está ligada, não aos poderes do mundo, mas à força inerme da cruz. O Evangelho compromete-nos numa conversão diária aos planos de Deus, a abandonar segurança e conforto apenas n'Ele, a anunciá-lo a todos e apesar de tudo. A fé dos simples, tão enraizada no Médio Oriente, é fonte

de onde tirar água para saciar a sede e nos purificar, como acontece quando voltamos às origens, indo peregrinos a Jerusalém, à Terra Santa ou aos santuários do Egito, Jordânia, Líbano, Síria, Turquia e dos outros lugares sagrados daquelas regiões.

Encorajados uns pelos outros, dialogamos fraternalmente. Foi um sinal de que se deve buscar sempre o encontro e a unidade, sem medo das diferenças. E o mesmo se diga da paz: deve ser cultivada mesmo nos terrenos áridos das contraposições, porque hoje, apesar de tudo, não há alternativa possível à paz. Não são as tréguas garantidas por muros e provas de força que trarão a paz, mas a vontade real de escuta e diálogo. Comprometemo-nos a caminhar, rezar e trabalhar, e imploramos que a arte do encontro prevaleça sobre as estratégias de conflito, que a ostentação de amea-

çadores *sinais de poder* seja substituída pelo *poder de sinais* esperanças: homens de boa vontade e de credos diferentes que não têm medo de se falar, acolher as razões alheias e cuidar uns dos outros. Só assim, tendo cuidado para que a ninguém falem o pão e o trabalho, a dignidade e a esperança, os gritos de guerra se transformarão em cânticos de paz.

Para se conseguir isto, é essencial que os detentores do poder se ponham, final e decididamente, ao serviço autêntico da paz e não dos interesses próprios. Basta com os lucros de poucos, à custa da pele de muitos! Basta com as ocupações de terras que dilaceram os povos! Basta com fazer prelevar verdades de parte sobre as esperanças da gente! Basta com usar o Médio Oriente para lucros alheios ao Médio Oriente.

Tawadros II celebrou em Roma

Na basílica papal de São Paulo Extramuros

Centenas de fiéis coptas participaram, na manhã de domingo 8 de julho, na liturgia que o patriarca Tawadros (Teodoro) II presidiu na basílica papal de São Paulo fora dos Muros. Regressando de Bari, onde no dia precedente tinha participado a convite do Papa Francisco no encontro ecumênico de oração com os patriarcas do Próximo e do Médio Oriente, o guia espiritual dos coptas ortodoxos quis encontrar-se e abençoar uma representação da numerosa comunidade copta presente em Roma. Durante o rito, no qual participaram, entre outros, o embaixador do Egito junto da Santa Sé, Samy Mahmoud Ahmed Sami, o patriarca ordenou com grau de hegumeno o padre Anghelos Bishai, atualmente pároco da igreja copta ortodoxa de Florença.



Na manhã de 9 de julho, o patriarca foi recebido no Quirinal pelo presidente da república italiana, Sergio Mattarella.

quo exige ser respeitado como foi deliberado pela Comunidade internacional e repetidamente solicitado pelas comunidades cristãs da Terra Santa. Só uma solução negociada entre israelitas e palestineses, firmemente desejada e favorecida pela Comunidade das nações, poderá levar a uma paz estável e duradoura e garantir a coexistência de dois Estados para dois povos.

A esperança tem o rosto das crianças. Há anos que, no Médio Oriente, um número terrível de pequeninos chora mortes violentas em família e vê ameaçada a sua terra natal, restando-lhes muitas vezes como única perspectiva ter de fugir. Esta é a morte da esperança. Os olhos de demasiadas crianças passaram a maior parte da vida a ver escurecer em vez de escolas, ouvir o estrondo surdo de bombas em vez de alegre algazarra dos jogos. Que a humanidade escute — peço-vos — o clamor das crianças, cuja boca proclama a glória de Deus (cf. Sl 8, 3). E enxugando as suas lágrimas que o mundo reencontrará a dignidade.

Pensando nas crianças — não esqueçamos as crianças! — daqui a pouco faremos voar, junto com algumas bombas, o nosso desejo de paz. O ansio de paz suba mais alto que todas as nuvens escuras. Os nossos corações per-



maneçam unidos e voltados para o Céu, à espera que torne, como nos tempos do dilúvio, o tenro ramo da esperança (cf. Gn 8, 11). E o Médio Oriente seja, já não um *arvo de guerra* estendido entre os continentes, mas *uma arca de paz* acolhedora dos povos e dos credos. Querido Médio Oriente, desapareçam de ti as trevas da guerra, do poder, da violência, dos fanatismos, dos ganhos iníquos, da exploração, da pobreza, da desigualdade e do não-reconhecimento dos direitos. «Para ti, haja paz» (Sl 122, 8) — juntos: «Para ti, haja paz» [repetem] — em ti habite a justiça, sobre ti repouse a bênção de Deus. Amém!



Diálogo na basílica de São Nicolau

As raízes das nossas almas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

que a presença de nossos irmãos e irmãs na fé seja cancelada, deturpando o próprio rosto da região, pois o Médio Oriente sem cristãos não seria Médio Oriente», denunciou o Pontífice, frisando assim a realidade, historicamente inegável, que o cristianismo é intrínseco nesta parte do mundo.

Sobre ela o Papa invocou a paz repetindo que «a indiferença mata, e nós queremos ser voz que contrasta o homicídio da indiferença», voz também de quantos podem «apenas engolir lágrimas enquanto outros espezinham a região «à procura de poder e riquezas». A denúncia de Bergoglio tornou-se mais forte depois do longo diálogo com os representantes das outras Igrejas cristãs na basílica de São Nicolau. «Basta com os lucros de poucos à custa da pele de muitos! Basta com as ocupações de terras que

dilaceram os povos! Basta com fazer prevalecer verdades de parte sobre as esperanças da gente! Basta com usar o Médio Oriente para lucros alheios ao Médio Oriente», exclamou, voltando a condenar o fundamentalismo e o fanatismo que, «sob pretextos religiosos, na realidade blasfemaram o nome de Deus», a corrida ao rearmamento, a sede de lucro e o mercado da energia sem escrúpulos.

As minorias devem ser tuteladas, pediu o Papa. E a cidade santa por excelência, Jerusalém, deve ser preservada de contendas e tensões, da qual o «status quo exige ser respeitado» segundo as deliberações internacionais e os pedidos das comunidades cristãs, enquanto a humanidade deve ouvir «o clamor das crianças». Para que, como depois do dilúvio, possa voltar a esperança e o Médio Oriente se transforme «numa arca de paz».

Missas matutinas em Santa Marta

Segunda-feira, 18 de junho

As ditaduras começam manipulando a comunicação

O primeiro passo de cada ditadura é a manipulação sem escrúpulos da comunicação livre, através da sedução dos escândalos e das calúnias, para enfraquecer a vida democrática e condenar pessoas e instituições. Um sistema que foi aplicado também pelas ditaduras do século passado, como confirma o horror da perseguição contra os judeus. Mas que encontramos também hoje em muitos países, assim como no dia a dia.

Para a sua reflexão Francisco inspirou-se na primeira leitura, tirada do primeiro Livro dos Reis (21, 1-16), constatando a sua atualidade e convidando todos a lê-la novamente a fim de a fazer própria: «A história de Nabot é comovedora: é a história de um mártir, mártir da fidelidade à herança que tinha recebido dos seus pais». E «a herança não se vende: esta era a convicção de Nabot». Porque, explicou o Pontífice, «a herança ia além da vinha», era «uma herança do coração: isto não se vende».

«Eu preservo a herança» insistiu o Papa. Mas o trecho bíblico, prosseguiu, narra-nos «o desejo, digamos assim, deste rei – pobrezinho, não sabia o que queria, não sabia governar – que, como uma criança, se torna caprichosa: “Eu quero isto, eu sou o rei”». E «dado que não sabe como agir, faz como as crianças quando não conseguem ter o que desejam: choram, tornam-se tristes». Mas eis que «a esposa – uma mulher decidida, cruel, que acabará por ser comida pelos cães – o repreende: “Levanta-te, ensinar-te-ei como se governa”». E «deste modo nasce esta história» apresentada pela liturgia.

«A história de Nabot é paradigmática de tantos mártires da história», afirmou Francisco: «É paradigmática do martírio de Jesus; é paradigmática do martírio de Estêvão; é paradigmática também do Antigo Testamento, de Susana; é paradigmática de numerosos mártires que são condenados por causa de uma encenação caluniosa». Mas «esta história – explicou ainda o Pontífice – é também paradigmática da maneira de proceder na sociedade de tanta gente, de muitos chefes de Estado ou de governo: comunicam uma mentira, uma calúnia e, depois de ter destruído quer uma pessoa quer uma situação com esta calúnia, julgam aquela destruição e condenam».

«Ainda hoje, em numerosos países – observou o Papa – usa-se este método: destruir a comunicação livre». E continuou: «Por exemplo, pensamos, às vezes há uma lei da mídia, da comunicação, e cancela-se aquela lei; entrega-se todo o conjunto da comunicação a uma empresa, a uma sociedade que calunia, diz falsidades, enfraquece a vida democrática». Depois «chegam os juízes para julgar estas instituições enfraquecidas, estas pessoas destruídas, condenam, e a ditadura avança deste modo». Aliás, acrescentou Francisco, «as di-

taduras, todas, começaram assim, deturpando a comunicação, para a colocar nas mãos de uma pessoa sem escrúpulos, de um governo sem escrúpulos».

Mas «também na vida diária é assim» realçou o Papa. A ponto que «se eu quiser destruir uma pessoa, começo com a comunicação: mexerica, caluniar, anunciar escândalos». Além disso, acrescentou, «anunciar escândalos é um facto que exerce uma sedução enorme, uma grande sedução». Com efeito, «seduz-se com escândalos, as boas notícias não são sedutoras: “Sim, mas que coisa boa que ele fez!”». E a notícia «passa» imediatamente. Ao contrário, diante de «um escândalo», a reação é: «Mas, já viste! Deste-te conta! Viste aquele outro o que fez? Esta situação não está bem, não é possível continuar assim!».

Deste modo, prosseguiu o Pontífice, «a comunicação cresce e aquela pessoa, aquela instituição, aquele país acaba na ruína». Agindo desta maneira, «não se julgam afinal as pessoas, julgam-se as desgraças das pessoas ou das instituições, porque não podem defender-se». Nesta perspectiva, Francisco sugeriu que pensemos «em Susana, por exemplo, quando diz: “mas estou num canto, se eu ceder à sedução e pecar, serei condenada pelo Senhor; se permanecer na minha fé, serei condenada pelo povo”».

«A sedução do escândalo na comunicação – insistiu o Papa – leva precisamente à margem, destrói». E foi isto «o que aconteceu com Acab,

na história de Acab. Aconteceu com Nabot, o justo, que queria apenas uma coisa: ser fiel à herança dos seus antepassados, não vender o legado, não vender a história, não vender a verdade».

«Comove-me muito – confidenciou o Pontífice – ver como Estêvão profere aquele longo discurso a quantos o acusam: não escutavam e, paralelamente, escolhiam as pedras para o lapidar». Com efeito, para eles «era mais importante apedrejar Estêvão do que ouvir a verdade». Precisamente «este é o drama da avidez humana: que inclusive a avidez é débil, porque este rei desejava tantas coisas, mas é um débil, e quando vê que não consegue vai para cama». Mas eis que «há a crueldade» de «quem lhe fala ao ouvido, dizendo-lhe o que deve fazer: destruir».

E «assim vimos tantas pessoas destruídas por uma comunicação malvada como esta que fez a rainha Jezabel» reconheceu Francisco, sublinhando: «Muitas pessoas, numerosos países destruídos por ditaduras malvadas e caluniosas: pensemos, por exemplo, nas ditaduras do século passado». Em particular, disse o Papa, «pensemos na perseguição dos judeus: bastava uma comunicação caluniosa contra os judeus e acabavam em Auschwitz porque não mereciam viver». E isto «é um horror, mas um horror que se verifica ainda hoje: nas pequenas sociedades, contra as pessoas e em vários países». O primeiro passo, reafirmou o Pontífice, consiste «em apropriar-se da co-

municação e, depois chegamos a destruir, o julgamento e a morte». Por conseguinte, «não era uma ideia peregrina a do apóstolo Tiago, quando falou da língua e da capacidade destruidora da comunicação malvada: ele sabia do que estava a falar».

Na conclusão, Francisco convidou a encontrar «um pouco de tempo, pois todos vós sois também pessoas atarefadas», para pegar «no primeiro Livro dos Reis, capítulo 21, e reler esta história de Nabot». E pensar «nas numerosas pessoas destruídas, nos muitos países destruídos, nas tantas ditaduras de “luvas brancas” que aniquilaram vários países». E «isto devido à força da comunicação caluniosa que encoraja esta destruição». Portanto, repetiu o Papa, «re-tomemos hoje o primeiro Livro dos Reis, capítulo vinte e um – não vos esqueçais – e leiamos esta injustiça que acontece ainda hoje entre nós».

Terça-feira, 19 de junho

Orações em Auschwitz

Quantos cristãos, no século passado, levados para os gulags russos ou para os campos de concentração nazistas, rezaram por quem os queria matar? «Muitos fizeram isto». Trata-se de exemplos nobres que tocam a consciência de cada um, porque chegar a «amar» os próprios inimigos, quem deseja destruir-te, de facto é «deveras difícil de entender»: só «a palavra de Jesus» pode explicar isto.

Foi o tema sugerido pela liturgia do dia, com o Evangelho de Mateus (5, 43-48) sobre o qual o Papa Francisco refletiu nesta missa. Uma página que interpela, a ponto que o Pontífice revelou: «Quando, esta manhã, meditava sobre este texto, não encontrava o caminho para fazer a pregação, e pensei: “Mas Jesus tem ideias que não podemos entender nem receber”».

Então o Papa procurou entrar no raciocínio que, humanamente, seria espontâneo e imediato levar em frente: «É verdade, devemos perdoar os inimigos: entendemos isto, o perdão, porque o repetimos diariamente no Pai-Nosso; pedimos perdão como nós perdoamos; é uma condição... Perdoamos também para sermos perdoados». É uma condição «não fácil» mas mesmo se «com um pouco de dificuldade» é viável: «engolimos o sapo e vamos em frente».

Uma dificuldade, acrescentou Francisco, que julgamos poder enfrentar inclusive considerando o passo sucessivo: «Rezar pelos outros: por quantos nos causam dificuldades, que têm um modo de ser agressivo em família. E rezar por quantos nos põem à prova: também isto é difícil, mas fazemo-lo. Ou pelo menos, muitas vezes conseguimos fazê-lo». Mas é a fase seguinte que parece incompreensível: «Rezar por quantos desejam destruir-nos, os inimigos, para que Deus os abençoe: isto é de-veras difícil de compreender».

Difícil, mas não impossível. E a este ponto o Pontífice evocou as pá-



Fahri Aldin, «O ditador»

Um apelo vigoroso pela tutela dos mares e dos oceanos, cada vez mais vítimas das desconsideradas e míopes ações poluidoras do homem, foi lançado pelo cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, prefeito do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, na mensagem enviada a 8 de julho, por ocasião do Domingo do mar, aos capelães e voluntários comprometidos nesta forma de apostolado.

Trata-se de uma oportunidade para recordar os marinheiros – cerca de um milhão e duzentas mil pessoas no mundo – que diariamente trabalham num setor fadigoso e pouco conhecido, e que este ano, numa aumentada sensibilidade suscitada também pelas frequentes evocações do magistério pontifício sobre o cuidado da casa comum, chama a atenção não só para o homem, mas inclusive para o meio ambiente no qual é chamado a trabalhar tão duramente.

As águas do planeta, frisou com preocupação o purpurado, estão cada vez mais contaminadas por resíduos de plástico e perigosamente submetidas a processos de acidificação provocados pelo uso de combustíveis fósseis para a navegação, contribuindo também para a mudança climática global. Por conseguinte, explicou, é preciso «apoiar os esforços realizados pela Organização ma-



Em defesa dos pescadores e dos oceanos

Mensagem do cardeal Turkson para o Domingo do mar

rítima internacional para prevenir e reduzir de modo significativo» tais práticas e «implementar outras normativas que imponham o uso de combustíveis mais limpos».

A salvaguarda do ambiente marinho é uma prioridade para a humanidade inteira e naturalmente é fundamental para os marinheiros de todas as nacionalidades que deste ambiente fazem a própria casa durante grande parte do ano. São pessoas, explicou o cardeal Turkson, que «desempenham um papel significati-

vo na nossa economia global transportando, de um lado para o outro do globo, noventa por cento de todos os bens que utilizamos na vida diária». E fazem-no em condições de extrema dificuldade: obrigados «a viver durante vários meses no espaço restrito de um navio, separados das suas famílias e dos seus entes queridos, sem poder participar nos eventos familiares mais importantes e significativos (aniversários, graduações, etc.) e estar presente nos perío-

dos de provação e dificuldade, como a doença e a morte».

Ao exprimir-lhes gratidão por este «trabalho, difícil e cheio de sacrifícios», o prefeito do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral evidenciou algumas das dificuldades mais relevantes que os trabalhadores do mar enfrentam diariamente. Antes de tudo, há um aspeto psicológico fundamental, dado pelos vários obstáculos impostos à tripulação para obter a autorização de descer nos portos durante o tempo de paragem dos navios «por causa de políticas empresariais e de regulamentos restritivos e discriminatórios impostos pelos governos».

Ao mesmo tempo, com frequência é negada a autorização a capelães e voluntários de subir a bordo para oferecer bem-estar material e espiritual aos marinheiros.

Desta forma, aumentam as dificuldades e a alienação nos trabalhadores que, já durante a navegação, devem enfrentar turnos cansativos e situações de extremo perigo. Como a difusão da violência no mar e da pirataria. Fenómenos que, apesar da aparente diminuição em relação aos anos passados, ainda constituem um problema notável. «A principal causa da pirataria – explicou o purpurado – está sempre ligada à instabilidade política e à indústria da pesca. A pesca ilegal, não declarada nem regulamentada, privou muitos Estados costeiros dos seus recursos marinhos naturais», criando situações de extrema pobreza nos países atingidos «e tornando fácil para indivíduos sem escrúpulos transformar pescadores desesperados e desempregados em piratas».

doar quantos te estão a matar, que querem eliminar-te... Não só perdoar: mas rezar por eles, para que Deus os preserve! Ainda mais: amá-los». Parece difícil. O Papa comentou: «Só a palavra de Jesus pode explicar isto. Não consigo ir além».

Por isso Francisco sugeriu ler o trecho evangélico do dia no qual Jesus diz: «Tendes ouvido o que foi dito: amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu», que é universal, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons». Um trecho, observou, que culmina no convite: «Portanto, sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste». Acrescentando: «Peçamos ao Senhor que nos faça entender algo deste mistério cristão e para que nos dê a graça de sermos perfeitos, como o Pai que concede todos os bens aos bons e aos maus».

Depois, outro conselho: «Faranos-á bem, hoje, pensar num inimigo – creio que todos nós temos algum – alguém que nos fez sofrer, que quer ou nos procura fazer algum mal». Depois, «rezemos por ele. Peçamos que o Senhor nos conceda a graça de o amar». Porque se «a oração “mafiosa” é: “vais pagar”», a prece cristã é «Senhor, concede-lhe a tua bênção e ensina-me a amá-lo».

Orações em Auschwitz

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

ginas mais obscuras do século XX: «Pensemos no século passado, os pobres cristãos russos que só pelo facto de serem cristãos foram mandados para a Sibéria para morrer de frio: e eles deviam rezar pelo governante carrasco que os enviava para lá? Como é possível? E muitos o fizeram: rezaram». E ainda: «Pensemos em Auschwitz e nos demais campos de concentração: eles deviam rezar pelo ditador que queria a raça pura e matava sem escrúpulos, e rezar para que Deus os abençoasse, a todos eles! E muitos o fizeram». Eis a exortação que abala as consciências: «Rezar por aquele que está para te matar, que procura matar-te, destruir-te...».

Uma ajuda chega da própria Escritura, na qual, explicou o Papa, «há duas orações que nos fazem entrar nesta lógica difícil de Jesus: a prece de Jesus por quantos o matavam – “perdoa-lhes, Pai” – e até os justifica: “Não sabem o que fazem”. Perdão: pede perdão por eles». Depois, também Estêvão (At 7, 60) que «faz o mesmo no momento do martírio: “Perdoa-lhes”». Dois exemplos nobres diante dos quais Francisco comentou: «Quanta distância, uma distância infinita entre nós, que muitas vezes não perdoamos pequenas coisas», enquanto o Senhor «nos pede» aquilo «do que nos deu exemplo: perdoar quem procura destruir-nos».

O Pontífice prosseguiu neste confronto entre o pedido de Jesus e

a fragilidade humana, mencionando concretamente alguns aspetos da vida diária: «Nas famílias é tão difícil, às vezes, perdoar-se». Por exemplo, acontece aos «cônjuges depois de alguma discussão», ou ao filho «pedir perdão ao pai»; e é difícil até «perdoar a sogra». Todos os dias experimentamos a dificuldade de perdoar até as pessoas que mais amamos. Imaginemos «per-



Karl Robert Bodek e Kurt Conrad Löw
«Primavera em Auschwitz»

Era presidente do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e camerlengo

Faleceu o cardeal Tauran

Quando na noite de 13 de março de 2013 pronunciou em mundovisão o habemus Papam pela eleição de Francisco, o cardeal francês Jean-Louis Tauran trazia já impressos no corpo os sinais da doença que o levou à morte, ocorrida a 5 de julho em Hartford nos Estados Unidos, onde se encontrava para tratamentos. Nascido a 5 de abril de 1943 em Bordeaux, foi ordenado sacerdote a 20 de setembro de 1969. Entrou no serviço diplomático da Santa Sé em março de 1975,

desempenhando cargos de responsabilidade cada vez maior até que em 1 de dezembro de 1990 foi nomeado secretário para as Relações com os Estados, simultaneamente eleito arcebispo titular de Télepte. Recebeu a ordenação episcopal a 6 de janeiro de 1991 de São João Paulo II, que depois no consistório de 21 de outubro de 2003 o criou cardeal diácono de Santo Apolinário «alle Terme», nomeando-o sucessivamente a 24 de novembro arquivista e bibliotecário da Santa

Igreja Romana. A 25 de junho de 2007 Bento XVI escolheu-o como presidente do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso. Cardeal protodiácono de 21 de fevereiro de 2011 a 12 de junho de 2014, quando optou pela ordem presbiteral com a elevação pro hac vice do seu título, a 25 de março do mesmo ano Francisco confirmou-o presidente do dicastério para o diálogo inter-religioso e a 20 de dezembro sucessivo nomeou-o camerlengo da Santa Igreja Romana.

Requintado diplomata ao serviço da Santa Sé, nos treze anos como secretário para as Relações com os Estados foram-lhe confiadas missões delicadas e guiou as delegações vaticanas em numerosas conferências internacionais. Intelectual culto, durante quatro anos foi arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana. Mas foi sobretudo nos onze anos na presidência do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso que Jean-Louis Tauran pôs em prática toda a sua experiência para fazer com que o mundo compreendesse, principalmente depois dos lutos semeados pelo terrorismo fundamentalista que, nas pegadas do Decreto conciliar *Nostra aetate*, das religiões os homens esperam as respostas para os mais profundos enigmas da condição humana, portanto elas jamais podem ser causa de ódio, conflitos e guerras. Porque, gostava de repetir, o diálogo é um caminho sempre possível, por isso deve ser promovido *malgré tout*. O cristão é chamado a um testemunho coerente também nas dificuldades, sobretudo num mundo em que são perpetradas cada vez mais violências em nome de Deus.

Nasceu há setenta e cinco anos em Bordeaux, onde completou os estudos clássicos no liceu "Michel Montaigne". Depois de dois anos no seminário maior da arquidiocese, foi enviado a Roma como aluno do Pontifício seminário francês. De 1964 a 1965 cumpriu a obrigação do serviço militar, no âmbito da cooperação cultural francesa, ensinando num colégio católico no Líbano. Foi ordenado sacerdote em 1969, exerceu o ministério sacerdotal como vigário paroquial de Santa Eulália na cidade do famoso vinho tinto, iniciando a frequentar os cursos de direito canônico no instituto católico de Toulouse. Em 1973 voltou para Roma como aluno da Pontifícia academia eclesiástica, completando a formação na

Pontifícia universidade Gregoriana e formando-se em direito canônico.

Entrou no serviço diplomático da Santa Sé em 1975, iniciando o trabalho na nunciatura apostólica na República Dominicana, onde colaborou até 1979, quando foi transferido para a representação pontifícia de Beirute. Permaneceu no Líbano até julho de 1983, quando foi chamado de volta ao Vaticano junto do Conselho para os assuntos públicos da Igreja, a fim de se ocupar principalmente dos organismos internacionais. De 1984 a 1988 seguiu os trabalhos da então Conferência para a segurança e a cooperação na Europa, participando na Conferência de Estocolmo sobre o desarmamento (1984), no Fórum cultural de Budapeste (1985) e na Conferência seguinte em Viena (1986). Nomeado em 1988 subsecretário do Conselho para os assuntos públicos da Igreja, que alguns meses mais tarde passou a chamar-se secção para as Relações com os Estados da secretaria de Estado, dois anos depois foi promovido secretário para as Relações com os Estados, com a elevação pessoal à dignidade arquiépiscopal. Foi ordenado arcebispo titular de Télepte em São Pedro na solenidade da Epifania de 1991 por São João Paulo II. Perito em questões médio-orientais, desempenhou um papel de destaque na estratégia de paz do Papa Wojtyła, especialmente em relação ao Iraque. O mesmo Pontífice no consistório de 2003 criou-o cardeal, nomeando-o arquivista e bibliotecário da Santa Igreja Romana. Como tal participou no conclave de abril de 2005, que elegeu Bento XVI, o qual em 2007 o chamou para presidir ao Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e à anexa Comissão para as relações religiosas com os muçulmanos; e depois no conclave de março de 2013 que elegeu o Papa Francisco. Como protodiácono anunciou ao

mundo da varanda da basílica vaticana o nome inédito escolhido pelo sucessor de Pedro, impondo-lhe o púlpito na cerimónia do início solene do ministério, a 19 de março. No sucessivo dia 26 de junho o Pontífice enumerou-o entre os membros da Pontifícia comissão referente sobre o Instituto para as obras de religião, e no ano seguinte confirmou-o na presidência do Pontifício conselho, nomeando-o também camerlengo da Santa Igreja Romana. A cerimónia de juramento deste último cargo teve lugar a 9 de março de 2015 na presença do Papa.

Dedicou-se à direção do dicastério até aos últimos dias para promover o diálogo com os crentes de todas as religiões: encontrando-os pessoalmente em Roma ou viajando enquanto pôde, no séquito dos Papas ou como chefe de delegações da Santa Sé, em particular aos países de maioria islâmica – a última vez em abril do ano passado para uma visita histórica à Arábia Saudita – e empreendendo relações cordiais tanto com os líderes quanto com os seguidores das principais religiões asiáticas (budistas, hindus, jainistas, sikhs) e das tradições africanas.

O saudoso cardeal Tauran fazia parte do conselho da segunda secção da secretaria de Estado, das Congregações para a Doutrina da fé, para as Igrejas orientais e para os Bispos;



da Pontifícia comissão para o Estado da Cidade do Vaticano; do Supremo tribunal da Assinatura apostólica; e da Administração do património da Sé apostólica. Além de tocar piano e órgão, era um grande apreciador de Johann Sebastian Bach, Wolfgang Amadeus Mozart e Fryderyk Chopin. Apaixonado pela lírica, a "Tosca" de Giacomo Puccini era a sua ópera preferida. Foi um grande leitor de livros, e gostava sobretudo das biografias dos principais personagens históricos.

Condolências do Santo Padre

A 5 de julho faleceu em Connecticut, onde se encontrava para receber tratamentos médicos, o cardeal francês Jean-Louis Tauran, presidente do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso e camerlengo da Santa Igreja Romana. Tinha 75 anos. Assim que recebeu a notícia, o Pontífice enviou à irmã do purpurado, Geneviève Dubert, o seguinte telegrama de pêsames.

Ao receber com tristeza a notícia do falecimento do seu irmão, Sua Eminência o Cardeal Jean-Louis Tauran, faço questão de lhe manifestar as minhas condolências e a minha união na oração aos membros da sua família e a todas as pessoas atingidas por este luto. O Cardeal Jean-Louis Tauran, que confio à misericórdia de Deus, marcou profundamente a vida da Igreja universal. Entrou no serviço diplomático da Santa Sé e exerceu com competência, entre outros, o cargo de secretário para as Relações com os Estados. Tendo sido nomeado pelo Papa Bento XVI presidente do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso, foi um conselheiro escutado e apreciado, de modo particular graças às relações de confiança e estima que soube tecer com o mundo muçulmano. Em virtude do seu espírito de servi-

ço e do seu amor pela Igreja, nomeei-o Camerlengo da Santa Igreja Romana. Conservo uma recordação comovida deste homem de fé profunda, que serviu intrepidamente e até ao fim a Igreja de Cristo, não obstante o peso da doença. Que o Senhor reciba o seu servo na paz e na alegria que nunca acabam! Em penhor de conforto concedo-lhe a Bênção apostólica, Senhora, assim como a toda a sua família, ao Colégio cardinalício, a todas as pessoas próximas do saudoso Cardeal, aos pastores e aos fiéis da arquidiocese de Bordeaux, bem como a todas as pessoas que participarem na celebração das exéquias.

FRANCISCO PP.

Análogo telegrama foi enviado pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin.



Encontro com o rei saudita Salman Bin Abd Al-Aziz, a 18 de abril passado

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 5 de julho

O Senhor Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.



Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 5 de julho

De D. Claude-Joseph Azéma, ao cargo de Auxiliar da Arquidiocese de Montpellier (França).

No dia 7 de julho

De D. Paul Kenjiro Koriyama, ao governo pastoral da Diocese de Kagoshima (Japão).

No dia 9 de julho

Do Cardeal Jorge Liberato Urosa Savino, ao governo pastoral da Arquidiocese de Caracas (Venezuela).

No dia 11 de julho

De D. Héctor Julio López Hurtado, S.D.B., ao governo pastoral da Diocese de Girardot (Colômbia).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 5 de julho

Prefeito do Dicastério para a Comunicação o Ilustríssimo Senhor Doutor Paolo Ruffini, até esta data Diretor da rede televisiva da Conferência Episcopal Italiana (TV2000).

Bispo Eparquial de Saints Cyril and Methodius of Toronto dos Eslovacos (Canadá), o Rev.^{do} Pe. Marián Andrej Pacák, C.S.S.R., até esta data capelão do Mosteiro da Santíssima Trindade das Monjas Redentoristas de Vranov nad Topľou-Lomnica (Eslováquia).

D. Marián Andrej Pacák, C.S.S.R., nasceu em Levo (Eslováquia), no dia 24 de abril de 1973. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 12 de julho de 1998.

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 5 de julho, o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Amato, S.D.B., prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Pontífice autorizou a Congregação a promulgar os decretos relativos:

– às virtudes heroicas do servo de Deus Pietro Di Vitale, leigo; nascido a 14 de dezembro de 1916 em Castronovo di Sicilia (Itália) e ali falecido no dia 29 de janeiro de 1940;

– às virtudes heroicas do servo de Deus Giorgio La Pira, leigo; nascido em Pozzallo (Itália) no dia 9 de janeiro de 1904 e falecido em Florença (Itália), a 5 de novembro de 1977;

– às virtudes heroicas da serva de Deus Alessia González-Barros y González, leiga; nascida no dia 7 de março de 1971 em Madrid (Espanha) e falecida em Pamplona (Espanha), a 5 de dezembro de 1985; e

– às virtudes heroicas do servo de Deus Carlo Acutis, leigo; nascido a 3 de maio de 1991 em Londres (Inglaterra) e falecido em Monza (Itália), no dia 12 de outubro de 2006.

A 7 de julho

Bispo de Kagoshima (Japão), o Rev.^{do} Pe. Francis Xavier Hiroaki Nakano, até hoje Reitor do Seminário Católico do Japão.

D. Francis Xavier Hiroaki Nakano nasceu a 15 de abril de 1951, em Kagoshima (Japão). Foi ordenado Sacerdote no dia 2 de abril de 1978.

Bispo de Tapachula (México), D. Jaime Calderón Calderón, até esta data Auxiliar de Zamora.

A 9 de julho

Administrador Apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da Arquidiocese de Caracas (Venezuela), o Senhor Cardeal Baltazar Enrique Porras Cardozo, atualmente Arcebispo de Mérida.

Bispo Ordinário Militar para a Grã-Bretanha, D. Paul James Mason, até à presente data Auxiliar da Arquidiocese de Southwark.

A 10 de julho

Auxiliar de Antipolo (Filipinas), o Rev.^{do} Pe. Nolly C. Bucu, do clero da mesma Diocese, até agora Pároco de Nossa Senhora da Luz em Cainta, simultaneamente eleito Bispo Titular de Gemellae in Byzacena.

D. Nolly C. Bucu nasceu em Baganga (Filipinas), no dia 27 de novembro de 1963. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 18 de outubro de 1993.

A 11 de julho

Bispo de Girardot (Colômbia), D. Jaime Muñoz Pedroza, até hoje Bispo de Arauca.

Bispo Coadjutor de San Jose na Califórnia (EUA), D. Oscar Cantú, até agora Bispo de Las Cruces.

INFORMAÇÕES

Auxiliares da Arquidiocese de Fortaleza (Brasil), os Rev.^{dos} Padres Júlio César Souza de Jesus, do clero da Arquidiocese de Teresina, até esta data Pároco da Paróquia Menino Jesus de Praga; e Valdemir Vicente Andrade Santos, do clero da Arquidiocese de Aracaju, até agora Vigário-Geral e Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, simultânea e respetivamente eleitos Bispos Titulares de Arba e de Castabala.

D. Júlio César Souza de Jesus nasceu no dia 27 de julho de 1971 em Goiânia, Estado de Goiás (Brasil). Completou os estudos de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (1991-1993) e de Teologia no Seminário Maior de Teresina (1994-1997). Obteve a Licença em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (2005-2007). Foi ordenado Sacerdote a 27 de junho de 1998 para a arquidiocese de Teresina, na qual desempenhou os seguintes cargos: Pároco de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Demerval Lobão (1998-2006) e Santa Luzia em Teresina (2009-2014), Vice-Reitor do Seminário Maior para os estudantes de Filosofia (2007-2013), professor no Seminário Maior, Diretor espiritual e Professor na Escola Diaconal.

D. Valdemir Vicente Andrade Santos nasceu a 5 de janeiro de 1973 em Aracaju, Estado de Sergipe (Brasil). Estudou Filosofia no Seminário Maior de Aracaju (1997). Em seguida foi enviado à Roma, onde obteve o Bacharelado (2001) e a Licença (2003) em Teologia no Ateneu Regina Apostolorum dos Legionários de Cristo. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 24 de agosto de 2001, sendo incardinado na arquidiocese de Aracaju, na qual desempenhou os seguintes cargos: Pároco nas paróquias São Francisco de Assis (2003-2006) e Nossa Senhora de Fátima (2010-2013), Administrador Paroquial de Nossa Senhora da Soledade em Aracaju (2004), Professor no Seminário Maior (2004), Reitor do Seminário Menor (2006-2010), Representante do clero local (2010-2014), e Chanceler (2014-2016). Foi também Vigário colaborador na paróquia San Giuseppe Sposo di Maria na diocese de Albano, Itália (2001-2003).

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 15 de junho

D. José Li Mingshu, Bispo de Qingdao (China Continental).

O venerando Prelado nasceu no dia 1 de dezembro de 1924, em Licun (China Continental). Foi ordenado Sacerdote a 11 de abril de 1949. Recebeu a Ordenação episcopal em 13 de agosto de 2000.

A 10 de julho

D. José María Setián Alberro, Bispo Emérito de San Sebastián (Espanha).

O saudoso Prelado nasceu em Hernani (Espanha), a 19 de março de 1928. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 29 de junho de 1951. Foi ordenado Bispo em 28 de outubro de 1972.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. Waldemar Stanisław Sommertag, Arcebispo Titular de Maastricht, na Nicarágua (18 de junho).

**Paolo Ruffini
prefeito
do Dicastério
para a comunicação**

É um profissional com muita experiência o primeiro leigo chamado pelo Papa a guiar um dicastério da Santa Sé. Paolo Ruffini nasceu em Palermo (Itália), a 4 de outubro de 1956 e formou-se em direito na universidade de Roma La Sapienza. Exerce a profissão de jornalista desde 1979. Em 1986 casou-se com a senhora Maria Argenti. Redator nos jornais «Il Mattino» de Nápoles (1979-1986) e «Il Messaggero» de Roma (1986-1996), dirigiu também o Giornale Radio Rai (1996-2002), o Canal Gr Parlamento (1998-2002), Radio 1 (1999-2002), Rai 3 (2002-2011), La 7 (2011-2014) e, de 2014 a 2018, Tv2000 e Inblu Radio. Vencedor de diversos prémios de jornalismo, participou em numerosos congressos de estudo sobre o papel dos cristãos na informação, a ética da comunicação e os novos meios de comunicação.

Disposições especiais

Sua Santidade dispôs:

No dia 6 de julho

Que se envie à República Democrática do Congo, para o tratamento dos assuntos da Nunciatura Apostólica em Kinshasa, D. Ettote Balestre, Nuncio Apostólico, até agora Representante Pontifício na Colômbia.

«Perante os desafios migratórios da atualidade, a única resposta sensata é a solidariedade e a misericórdia; uma resposta que não faz demasiados cálculos, mas exige uma divisão equitativa das responsabilidades, uma avaliação honesta e sincera das alternativas e uma gestão prudente», salientou o Pontífice durante a homilia da santa missa para os migrantes, celebrada na basílica de São Pedro na manhã de 6 de julho, cinco anos depois da histórica visita a Lampedusa.

«Ouvi isto, vós que esmagais o pobre e fazeis perecer os desfavorecidos da terra (...). Eis que vêm dias em que lançarei fome sobre o país (...) fome de ouvir as palavras do Senhor» (Am 8, 4.11).

A advertência do profeta Amós revela-se ainda hoje de veemente atualidade. Quantos pobres são hoje esmagados! Quantos desfavorecidos são feitos perecer! Todos eles são vítimas daquela cultura do descarte que repetidamente foi denunciada. E, entre eles, não posso deixar de incluir os migrantes e os refugiados, que continuam a bater às portas das nações que gozam de maior bem-estar.



Recordando as vítimas dos naufrágios há cinco anos, durante a minha visita a Lampedusa, fiz-me eco deste perene apelo à responsabilidade humana: «“Onde está o teu irmão? A voz do seu sangue clama até mim”, diz o Senhor Deus. Esta não é uma pergunta posta a outrem; é uma pergunta posta a mim, a ti, a cada um de nós» (Insegnamenti I [2013] vol. 2, 23). Infelizmente, apesar de generosas, as respostas a este apelo não foram suficientes e hoje choramos milhares de mortos.

A aclamação de hoje ao Evangelho contém este convite de Jesus: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (Mt 11, 28). O Senhor promete descanso e libertação a todos os oprimidos do mundo, mas precisa de nós para tornar eficaz a sua promessa. Precisa dos nossos olhos para ver as necessidades dos irmãos e irmãs. Precisa das nossas mãos para os socorrer. Precisa da nossa voz para denunciar as injusti-



Missa para os migrantes cinco anos após a visita a Lampedusa

Solidariedade é a única resposta

ças cometidas no silêncio — por vezes cúmplice — de muitos. Na realidade, deveria falar de muitos silêncios: o silêncio do sentido comum, o silêncio do «fez-se sempre assim», o silêncio do «nós» sempre contraposto ao «vós». Sobre tudo o Senhor precisa do nosso coração para manifestar o amor misericordioso de Deus pelos últimos, os rejeitados, os abandonados, os marginalizados.

No Evangelho de hoje, Mateus narra o dia mais importante da sua vida: aquele em que foi chamado pelo Senhor. O Evangelista recorda claramente a censura de Jesus aos fariseus, com tendência fácil a murmurar: «Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício» (9, 13). É uma acusação direta à hipocrisia estéril de quem não quer «sujar as mãos», como o sacerdote e o levita na parábola do Bom Samaritano. Trata-se de uma tentação muito presente também nos nossos dias, que se traduz num fechamento a quantos têm direito, como nós, à segurança e a uma condição de vida digna, e que constrói muros, reais ou imaginários, em vez de pontes.

Perante os desafios migratórios da atualidade, a única resposta sensata é a solidariedade e a misericórdia; uma resposta que não faz demasiados cálculos, mas exige uma divisão equitativa das responsabilidades, uma avaliação honesta e sincera das alternativas e uma gestão prudente. Política justa é aquela que se coloca ao serviço da pessoa, de todas as pessoas interessadas; que prevê soluções idóneas a garantir a segurança, o respeito pelos direitos e a dignidade de todos; que sabe olhar para o bem do seu país tendo em conta o dos outros países, num mundo cada vez mais interligado. É para um mundo assim, que olham os jovens.

O Salmista indicou-nos a atitude justa que, em consciência, se deve assumir diante de Deus: «Escolhi o caminho da fidelidade e decidi-me pelos vossos juízos» (Sl 118/119, 30). Um compromisso de fidelidade e de juízo reto que esperamos realizar juntamente com os governantes da terra e as pessoas de boa vontade. Por isso, acompanhamos atentamente o trabalho da comunidade internacional para dar resposta aos desafios colocados pelas migrações atuais, harmonizando sabiamente solidariedade

e subsidiariedade e identificando recursos e responsabilidades.

Desejo concluir com algumas palavras dirigidas particularmente aos fiéis que vieram da Espanha.

Quis celebrar o quinto aniversário da minha visita a Lampedusa convosco, que representais os socorristas e os resgatados no Mar Mediterrâneo. Aos primeiros, quero expressar a minha gratidão por encarnarem hoje a parábola do Bom Samaritano, que parou para salvar a vida daquele pobre homem espancado pelos ladrões, sem lhe perguntar pela sua proveniência, pelos motivos da sua viagem ou pelos seus documentos: simplesmente decidiu cuidar dele e salvar a sua vida. Aos resgatados, quero reiterar a minha solidariedade e encorajamento, pois conheço bem as tragédias de que estais a fugir. Peço-vos que continueis a ser testemunhas da esperança num mundo cada vez mais preocupado com o próprio presente, com reduzida visão de futuro e relutante a partilhar, e que elaboreis conjuntamente, no respeito pela cultura e as leis do país de acolhimento, o caminho da integração.

Peço ao Espírito Santo que ilumine a nossa mente e inflame o nosso coração para superarmos todos os medos e inquietações e nos transformarmos em instrumentos doces do amor misericordioso do Pai, prontos a dar a nossa vida pelos irmãos e irmãs, tal como fez o Senhor Jesus Cristo por cada um de nós!

Intenção de oração para o mês de julho

Próximos da solidão dos sacerdotes

Quantas vezes os sacerdotes, em muitas frentes que os veem quotidianamente na primeira linha, fiéis ao seu ministério de serviço, enfrentam diretamente a desilusão, debilitados por incompreensões, provados pelo cansaço. Sobre tudo então, afirma o Papa Francisco, «é bom que eles se recordem que as pessoas amam os seus pastores, precisam deles e confiam neles». É dedicada aos sacerdotes que vivem com dificuldade e na solidão o seu trabalho pastoral, a intenção do Pontífice contida na mensagem vídeo para o mês de julho, confiada à Rede mundial de oração (www.thepopevideo.org).

«O cansaço dos sacerdotes! Sabéis quantas vezes penso nisto?», confidencia Francisco. E para ilustrar o seu pedido de oração, o vídeo mostra uma rápida síntese dos numerosos momentos em que se sente vivamente como é preciosa a presença do sacerdote: antes de tudo na administração dos sacramentos, e depois ao fazer-se companheiro de caminho das comunidades que lhe são confiadas, das pessoas individualmente, sobretudo das mais frágeis. Sacerdotes que acolhem, confortam, sabem arregaçar as mangas e compartilhar dificuldades e sofrimentos. O Papa pe-



Um fotograma do vídeo com a intenção de oração

de orações para eles, a fim de que «se sintam ajudados e confortados pela amizade com o Senhor e com os irmãos».

Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado para a Rede mundial de oração do Papa, com a agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media, que se ocupou da sua gravação.